

Lembrando os meus professores*

Helena Rosa Costa

Há algo de tranquilizador nas recordações que me surgem acerca deste tema: escola primária, ensino preparatório e secundário, e Matemática. É como se tivesse alguma coisa a que posso regressar, pelo menos em pensamento. Existem tantas coisas de que não nos esquecemos, embora no dia a dia não nos lembremos delas.

Andei sempre na mesma escola primária, tive sempre a mesma professora e até o mesmo lugar. Recordo-me que tinha dificuldades nos problemas de Matemática e claro que a professora se apercebeu. Passei a ir muitas vezes ao quadro e deu resultado, visto que comecei a ter mais facilidade na resolução dos problemas; ao mesmo tempo aumentou o meu gosto pela matéria que ia descobrindo.

No ciclo preparatório, Matemática era a minha disciplina preferida. Na primeira avaliação a professora Ana Sousa estava indecisa entre duas notas a dar-me, resolveu-se pela mais alta penso que a confiança dela funcionou como estímulo. Um aspecto positivo foi o facto de ter tido aulas desde o princípio do ano lectivo. Tal facto nunca mais se verificou nos anos que se seguiram.

No 7º ano, o professor de Matemática, Luís Neto, foi o último a chegar, com muita pena minha. Lembro-me de ver o caderno de um colega que já tinha professor e cheguei a estudar com ele algumas vezes. Surgiram dificuldades para alguns alunos que infelizmente começaram logo a desistir de estudar Matemática. A partir dessa altura o número foi aumentando. Continuei a gostar de Matemática e tenho muitas recordações bonitas desse ano. O 8º ano, com a professora Alda, é do que me recordo menos. Não via nela o gosto pela Matemática que tinha visto nos meus professores anteriores.

O 9º ano, com a professora Lina Moita, foi diferente dos anteriores. A primeira impressão que tivemos dela foi a de uma pessoa autoritária, rigorosa e distante. Estávamos completamente enganados! Foi a primeira vez que vi um professor chorar devido aos maus resultados obtidos pela maioria dos seus alunos. Os seus testes englobavam uma parte teórica e uma prática. Conseguiu que todos os alunos gostassem dela, mesmo os que não gostavam de Matemática e fez com que o aluno mais problemático da turma se tornasse seu amigo, mesmo que isso tenha acontecido quase no final do ano lectivo e depois de uma grande "luta" travada. O abraço que trocaram numa festa escolar emocionou-nos. Desejei ser capaz de fazer o mesmo que ela se um dia chegasse a ser professora. Mas esta professora também encontrou a felicidade naquele distante liceu da Moita, de que ela nunca tinha ouvido falar. Casou com o professor de Noções Básicas de Saúde e hoje médico, o Dr. João Dias, que além de bom professor era um grande amigo. "O saber é a maior riqueza do homem. Aprende sempre", é uma frase que ele nos dizia e que ainda hoje acho muito bonita. Mesmo depois de deixarem de dar aulas na Moita ainda contactámos durante muitos anos, até que nós próprios (alunos) nos fomos separando naturalmente, cada um seguindo o seu caminho. Hoje o Rui (filho deles) já deve andar na escola, espero que encontre uns professores tão bons quanto os seus pais.

No 10º ano conheci o professor José Costa, que decididamente me fez ver que o que eu queria seguir e gostava mesmo era de Matemática. Foi o meu melhor professor. Não tinha o curso de Matemática, era engenheiro, e conseguiu trans-

mitir-me coisas acerca da Matemática que mais nenhum professor conseguiu. Lembro-me que ele era muito introvertido e alguns dos meus colegas não simpatizavam com ele por esse motivo. Talvez por eu também o ser, conseguisse comunicar melhor com ele. É por esta altura que os alunos decidem o que querem seguir, é por isso uma época importante na vida de cada um. Numa das nossas conversas disse-lhe que queria seguir Matemática e ele disse "sim" com firmeza, certeza. "É isso, sim, é o que tu farás". Mais tarde, quando estive bastante insegura numa determinada altura da minha vida, essa frase foi a minha "rocha", e eu precisava muito de algo em que me apoiar. O facto de começarmos as aulas em Fevereiro foi bastante negativo e prejudicou-nos nos anos seguintes.

No 11º ano e no 12º ano tive a mesma professora (Elsa Reis). Vínhamos com bastante atraso relativamente à matéria do 10º ano e a partir daí o atraso manteve-se. A professora mostrava um certo desinteresse por nós e por tudo o que dissesse respeito à escola, notava-se nela uma certa amargura e indiferença. Segundo nos disse um dia, não tinha sido assim desde que começou a dar aulas, até teve grandes sonhos de que poderia modificar muita coisa errada. Talvez por esperar tanto do ensino se tenha sentido desiludida com a realidade que teve de encarar. Espero que hoje essa professora já consiga pensar de maneira mais positiva e ser, assim, para os alunos a grande professora que eu sei que ela é.

Tudo isto é passado. E quanto ao futuro? Vem-me à memória uma frase de John Lennon: "Vida é o que nos acontece, quando estamos ocupados a fazer outros planos".

* Este texto foi escrito há quatro anos para uma das primeiras aulas da cadeira Metodologia de Matemática, na Faculdade de Ciências de Lisboa. A Helena Rosa era então aluna do curso de licenciatura em ensino da Matemática e lembrou deste modo os seus professores da disciplina em que se preparava para, também ela, ser professora. Os nomes, de que se recordou um por um, foram substituídos por outros, fictícios, e o título do texto fomos nós que acrescentámos.